

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Pedro Henrique Pereira Andery

VÁRIOS GOLPES EM UM SÓ GOLPE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Profº Dr. Gilberto Felisberto Vasconcellos.

JUIZ DE FORA

2014

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Pedro Henrique Pereira Andery**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473056A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Vários golpes em um só golpe**, desenvolvido durante o período de 01/09/2016 a 25/01/2017 sob a orientação de Gilberto Felisberto Vasconcelos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, **não** autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 03 de fevereiro de 2017.

Pedro Henrique Pereira Andery

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

VÁRIOS GOLPES EM UM SÓ GOLPE

Pedro Henrique Pereira Andery¹

Resumo: O presente artigo faz uma abordagem ampla da história do Brasil buscando interseccionar parte dos conceitos elaborados pelo sociólogo Darcy Ribeiro em sua obra acerca dos estudos de antropologia da civilização, bem como das teorias desenvolvidas por outros pensadores que se propuseram a discutir o dilema que envolve os países periféricos inseridos na economia mundial. Para tanto busco percorrer o período compreendido entre o início do século XX até os dias atuais, fazendo uma leitura crítica de alguns fatos transcorridos neste período histórico. Esta leitura faz-se por um imperativo histórico de compreender as causas e as consequências atreladas a um país em condição colonial, buscando projetar perspectivas de superação desta condição catalizadora do atraso. Para tanto, não se pode pensar o Brasil como um território auto-suficiente. Isso, historicamente falando, é inviável. Tal país se insere numa gama de relações geopolíticas que transcendem as divisões continentais, como se deu com a colonização portuguesa. Nota-se que na atualidade todo o continente sul-americano padece de um mal comum, o neocolonialismo, que os envolve em um processo complexo de relações econômicas, que de forma sutil exerce a dominação dos povos latino-americanos.

Palavras-chave: América Latina; subdesenvolvimento; imperialismo; política; anti-democracia.

Introdução:

Este estudo faz uma abordagem sociológica, econômica, histórica, política e filosófica em busca da compreensão da realidade em nossos dias. Diante da atual situação política e econômica do país e da conjuntura acadêmica, faz-se necessário uma análise aprofundada do contexto histórico que desencadeou o processo que culmina em um atraso econômico e intelectual. O subdesenvolvimento é mais que uma categoria econômica que indica atraso acidental. Nele se oculta a espoliação internacional efetuada principalmente pelo imperialismo capitalista nos países periféricos. Esse dilema pode ser compreendido através das obras de Darcy Ribeiro, Jorge Abelardo Ramos, André Gunder Frank e demais autores que serão retratados ao longo do trabalho.

A interpretação deturpada da história distancia a população de uma consciência crítica dos fatos históricos. Alienado das estruturas que a governa, a população fica a mercê das ideologias da classe dominante que superexplora suas atividades físicas e psíquicas e os impede de aprimorar seus meios de vida. Cabem aqui as palavras de Walter Benjamín sobre o conceito de história:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1987. p. 223)

Portanto, este ensaio busca através da leitura de textos históricos articular uma compreensão libertária da história, sobretudo no âmbito da política, para que assim possa realizar uma leitura crítica do presente. É sabido que as estruturas políticas do Brasil estão corroídas pela classe dominante, que perpetua seus mandatos ao longo de décadas, executando o mesmo plano sórdido de espoliação dos recursos econômicos e acumulação de poder via opressão e coesão. As forças militares atuam contra o povo, garantindo a segurança dos bens privados da classe dominante. Da mesma maneira, a mídia atua

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Correio eletrônico para contato: pedroandery@gmail.com Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel sob orientação do Prof^o Dr. Gilberto Felisberto Vasconcellos.

no plano ideológico, consolidando a exploração psíquica da classe trabalhadora, mantendo esta alienada das estruturas que a governam. Há que se ressaltar também, o papel da educação pública e privada, dos institutos de pesquisa e dos órgãos de fomento, que se recusam a aceitar o fato de que existe uma sabotagem ao desenvolvimento tecnológico e econômico em transcurso no país, favorecendo a aquisição de tecnologia estrangeira a preços altos e exportação da tecnologia nacional por valores mínimos.

Há muitos autores que denunciam e mostram as raízes desse dilema de abrangência continental, e são neles que me concentrei ao buscar compreender algumas questões que o presente artigo ressaltava. Darcy Ribeiro, Jorge Abelardo Ramos, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, entre outros, são escritores que pensaram e proporcionaram os meios teóricos para libertação dos povos latinoamericanos. Outro escritor muito importante para compreender esta tese é o professor Gilberto Felisberto Vasconcellos, que me orientou nesta empreita, proporcionando o aporte teórico para a discussão da problemática que fecha o caminho que levaria o Brasil rumo à soberania nacional. São muitos os autores, ativistas e militantes envolvidos nessa luta que foram silenciados neste percurso histórico, fazendo deste artigo, mais que um simples trabalho de conclusão de curso, mas também um instrumento de resistência. E essa resistência faz-se imperativa no tempo em que vivemos, principalmente àqueles que, como eu, preocupam-se não só com uma formação acadêmica, mas sim, com as futuras gerações, se estas terão o direito a uma formação plena, pública e libertária, que expõe as amarras que nos prendem e proporciona a instrumentalização necessária para guiar a própria vida com capacidades intelectuais amplas. Como escreveu Walter Benjamin, trata-se aqui de “apropriar-se das reminiscências” de maneira a retirar o mórbido conformismo, intrínseco em nossa tradição.

Objetivo geral:

- Através dos dados históricos compreender os processos políticos, econômicos e sociais buscando identificar nesses conceitos os seus nexos interpretativos quanto à formação sócio-econômica da sociedade brasileira e seus impactos na atualidade.

Objetivos:

- Apresentar uma abordagem do contexto sócio-político do Brasil durante o período pré e pós golpe militar.
- Refletir sobre os conceitos de subdesenvolvimento, imperialismo, atualização e incorporação histórica, dependência e revolução.

Metodologia:

Para pensar o Estado brasileiro enquanto mediação entre população–economia é necessário antes conhecer sua história, como se consolidou. A análise desta conjuntura requer o conhecimento de uma esfera ainda maior, o processo histórico-político de outras nações que circundam a nossa história. Para tanto, não se pode pensar o Brasil como um território auto-suficiente. Isso, historicamente falando, é inviável. Tal país se insere numa gama de relações geopolíticas que transcendem as divisões continentais, como se deu com a colonização portuguesa. Nota-se que na atualidade todo o continente sul-americano padece de um mal comum, o neocolonialismo, que o envolve em um processo complexo de relações econômicas, que de forma sutil exerce a dominação dos povos latino-americanos. Esta dominação exprime-se primeiramente por duas vias: primeira nas relações políticas; segunda como consequência da primeira, nas instituições educacionais. Compreender o nexo causal destes processos é, portanto, o primeiro passo para esclarecer alguns enigmas da história do Brasil.

Este estudo aborda três importantes períodos históricos, entre meados do século XX até a atualidade. São eles:

- 1) Primeira metade do século XX: Fundamentais para a compreensão da atual situação dos Estados sul-americanos. Também fundamental para o entendimento da colonização cultural e intelectual das massas.
- 2) Segunda metade do século XX: Período de transição na política brasileira que indica vários fatores e consequências, da política neoliberal e do imperialismo norte-americano.
- 3) Atualidade: Os conflitos políticos da atualidade, tanto em escala nacional quanto em escala continental, refletem todo o processo que sucedeu no período ao qual esta pesquisa enfoca.

Realizada a leitura histórica, cabe agora interpretar os fatos. Utilizo, sobretudo, dos conceitos formulados por Darcy Ribeiro em sua obra acerca dos estudos de antropologia da civilização, para aproximar de uma compreensão histórico-materialista das condições sociais e políticas da nação brasileira. Este e outros autores citados ao longo do texto dialogam o subdesenvolvimento não apenas como categoria econômica, mas também como condição de subjugação cultural.

O começo: A herança do colonialismo

Não tendo o governo de si mesmos no plano político e econômico, por força do estatuto colonial, estes povos também não possuíam autonomia no comando de sua criatividade cultural. Frustrava-se, assim, qualquer possibilidade de digerir e integrar no contexto cultural próprio as inovações que lhes eram impostas, quebrando-se, irremediavelmente, a integração entre a esfera da consciência e o mundo da realidade. Nestas circunstâncias, ao alimentarem-se de ideias alheias indigeridas, não correspondentes à sua própria experiência, mas aos esforços europeus de justificação da rapina e de fundamentação moral do domínio colonial, mais aprofundavam sua dependência e sua alienação.

(Darcy Ribeiro)

Para dar início, é preciso ressaltar que, no Brasil bem como em toda a América Latina o processo de formação socioeconômico aconteceu pela via da incorporação histórica “configuradora de povos dependentes” que “ao serem envolvidos e dominados” por povos e culturas exógenas “foram reduzidos à condição de proletariados externos não estruturados social e economicamente para si próprios”, mas com o fim de “servir aos interesses e desígnios de seus dominadores”. (RIBEIRO, 1979. p. 22)

A instituição política brasileira, o Estado, ou melhor dizendo, a República Federativa do Brasil foi construída, orquestrada e regida desde de seu início pela força militar. Os milicos, e não o povo, conduziram a nação desde sua proclamação enquanto República. Joaquim José da Silva Xavier, o dentista da Inconfidência mineira, um alferes de pouca importância social, na conspiração foi o único condenado à execução, devido aos milicos traíras Coronel Joaquim Silvério dos Reis, o Tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago e o Mestre-de-campo Inácio Correia Pamplona que denunciaram o movimento ao Visconde de Barbacena e à sua lealdade revolucionária, assumiu toda a responsabilidade pela inconfidência, foi tido como réu infame pela corte e dilacerado em praça pública. (FERREIRA, 1985. p. 112-113)

Uma curiosidade recorrente na história política do Brasil é o hábito dos militares de agir pela via antidemocrática. O golpe militar de 1889, seguido da proclamação da República, a revolução liberal de 1930, o golpe de 37 que fundou o Estado Novo getulista e golpe militar de 64, este trazendo em sua essência a intervenção do capital estrangeiro. Enfim, estamos imersos em contradições. Getúlio Vargas representa, talvez, a maior de todas elas. Do integralismo fascista, ao nacional-desenvolvimentismo

populista. A política brasileira, bem como seus líderes, é altamente volúvel. Alterna sua direção de acordo com os interesses da classe dominante, que mantém seu foco nos movimentos econômicos do exterior, visto que a base da economia estava, sobretudo, na exportação. A submissão e a dependência estão ancoradas na tradição econômica do Brasil. A população assiste a tudo, passiva, e quando se rebela é massacrada. O interessante na força militar brasileira é o fato de terem se envolvido em poucas batalhas campais contra outros países, e quando se envolve assume um papel bárbaro, usando força desmedida em batalhas desnecessárias, como a fatídica Guerra do Paraguai. O que demonstra mais uma vez a que veio a força militar brasileira. Ela se ostenta como meio de garantir a segurança do poder da classe dominante, executando golpes e massacrando as forças populares insurgentes.

O positivismo é outra herança que trazemos na bagagem importada da Europa. Ainda em estado de colônia o Brasil já era dependente da economia estrangeira. Os ingleses mandavam pra cá suas bugigangas imprestáveis bem como emprestava suas ideias políticas, reacionárias em nosso contexto latino americano. Jorge Abelardo Ramos descreve o Brasil como “ponta de lança de lança britânica contra o resto da **Nação Latino-americana** enquanto esta, era jogada pelo mesmo amo imperial contra o Brasil”.² Em detrimento do ideal positivista de progresso científico, pegamos emprestado a ciência, a tecnologia, a indústria, o livre-cambismo, tudo isso atuando na contramão do desenvolvimento da América Latina. Gunder Frank explicita o efeito de uma reforma liberal na América Latina:

[...] las reformas liberales constituyen otro ejemplo más de una transformación de la estructura económica, política, social y cultural, y de un correspondiente viraje político por parte de un sector de la burguesía, que obedecen a un cambio previo de las relaciones coloniales entre la metrópoli y Latinoamérica, y que a su vez terminan en fortalecer todavía más la nueva tendencia colonial. (FRANK, 1970. p. 66)

Esse fetiche com a cultura europeia fundamentou a ideia de uma identidade nacional. A mesma ideia que lá foi o motor para fundação dos Estados nacionais. No entanto, o que não foi levado em conta é que aqui, não existe uma identidade nacional, somos um povo heterogêneo, com infundáveis discrepâncias econômicas e culturais e a isso ainda se acrescenta os fatores geográficos tão díspares de região para região. José Maurício Andion Arruti em seu artigo, **A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas**, explana o que foi a busca do “pensamento social brasileiro”. Primeiro, os intelectuais afeitos ao Estado Novo tinham a seguinte missão: pensar o Estado e moldar a nacionalidade. E depois, teriam que lidar com o problema da alteridade, índios e negros, culturas completamente heterodoxas ao padrão ideal de uma cultura branca e civilizada. Reduzir as manifestações culturais destes povos e tratá-los como remanescentes demonstra o objetivo do projeto civilizatório europeu: moldar tudo a um padrão estético ocidentalizado, sem julgar o fato de que tudo que é civilização hoje, como conhecemos, foi construída sobre a exploração do trabalho escravo e com matérias primas do território indígena. Isto não cabe só ao Brasil. Abelardo Ramos descreve a necessidade dos argentinos de “branquear” a política externa e cita o vaidoso general Albano Harguindeguy numa conferência de imprensa: “Argentina se considerava entre os dois ou três países brancos do mundo”. O mesmo foi dito pelo general boliviano Vázquez Sempertegui: “Há que melhorar a raça mediante a inseminação artificial.” (RAMOS, 2012. p. 554) Aí surge a questão, qual a validade de uma constituição, seja ela nacional, ou uma constituição universal dos direitos humanos? Se não, amenizar uma dívida histórica que a cultura ocidental tem com esses povos espoliados. Quando veremos os direitos humanos aplicados na prática? Será isso realmente possível numa sociedade onde se visa apenas o lucro e conforto individual?

A propósito convém contextualizar historicamente a questão da estratificação social, tendo em mira que a acumulação de capital não é rápida sob o regime colonial. Foi com esse escopo que escreveu em 1977, **O Dilema da América Latina**, ensaio radical do ponto de vista marxista e da revolução

² A “balcanização” adquiriria com relação ao Brasil um caráter particularmente destacado, facilitada pela língua portuguesa, muito menos lida na América Latina que o francês, o inglês ou o alemão. Este mesmo fato indica a profundidade do isolamento e as claras razões históricas que o forjaram. [...] O imperialismo e as oligarquias indígenas haviam informado para os latino-americanos, exclusivamente as trapalhadas portuguesas, o servilismo imperial para com a Inglaterra e a imutabilidade do Itamarati. Dessa forma, o Brasil se convertia no Estado mais misterioso e exótico de uma América “balcanizada” que desconhecia a si mesma. (RAMOS, Jorge A. *A história das nações latino-americanas*. p. 266. Florianópolis, Editora Insular, 2012).

socialista necessária para a América latina que trazia uma formulação sistemática sobre as classes sociais e as formas de ação política, e que foi publicado logo depois do livro **As Américas e a Civilização**, no qual a análise da ordenação classista das formações latinoamericanas não deixou de lado a questão da etnia, aspecto esse, que sem dúvida o singulariza no panorama das ciências sociais no século XX. Entende-se por etnia, explicada em **O Processo Civilizatório**, uma coletividade humana que partilha de uma mesma língua e de uma mesma cultura. Trata-se de uma coletividade nacional organizada em um Estado com território. Por exemplo: etnia alemã, etnia brasileira. Darcy Ribeiro refere-se à etnia tupinambá, portanto a presença de etnia não implica necessariamente a existência de Estado. Em sua maioria mestiço, o proletariado está próximo às tradições camponesas. Em Darcy Ribeiro a formação de classe é inseparável do processo de acumulação cultural e da dominação econômica. O ponto de partida é o movimento de 30, acontecimento fundamental no processo político e na formação das modernas classes sociais brasileiras. A estrutura das diferentes classes sociais deveria ser analisada levando em consideração as diferentes condições regionais em se tratando de um país continental como o Brasil.

Faz-se necessário pensar também, como a burguesia interna e a classe intelectual se porta diante das influências do capital estrangeiro. Para denominá-los Gunder Frank cunhou o termo lumpenburguesia: compreendida como sócia menor do imperialismo que, em função de interesses próprios optam por políticas que estreitam a dependência e a subordinação em relação ao imperialismo e geram a constante do desenvolvimento do subdesenvolvimento. Esse termo é aplicável tanto para as camadas do patronato quanto ao patriciado³. A burguesia nacional no Brasil é considerada tão danosa politicamente quanto a oligarquia latifundiária. Darcy Ribeiro chega a ponto de negar a existência de uma burguesia à semelhança da que foi analisada por Karl Marx. O patronato latinoamericano, incapaz de ser propulsor da prosperidade social, é uma burguesia clientelística e patrimonialista, representante de interesses exógenos e alheios ao país. Esse patronato, ou essa caricatura de burguesia, não teria as condições históricas de favorecer as classes subalternas, exploradas e oprimidas. Isso porque, entre outros motivos, cresceu ao lado, e não em confronto com a oligarquia latifundiária; e, surgida tardiamente, logo se associou à exploração imperialista. Sempre foi contra a reforma agrária. Os empresários industriais tiveram o seu berço social na oligarquia fazendeira; o mesmo acontecerá mais tarde, quando, vinculados ao imperialismo, se põem a favor do capital estrangeiro e contra o “estatismo”. Ou seja, não há oposição entre latifúndio, patronato moderno e corporações internacionais. Retomando a ideia das contradições, Getúlio Vargas, o mesmo Getúlio que outrora foi adepto ao Nazi-fascismo durante boa parte de sua ditadura, em seu segundo mandato, dessa vez democraticamente legítimo, ao executar políticas de cunho nacional-desenvolvimentista foi pressionado pela capital externo a lançar mão de seu mandato e a luz de um golpe de estado que estava a caminho, num ato de desespero, cometeu suicídio com esperança de tocar o coração da população e despertá-la para a crescente exploração e subjugação que o capital estrangeiro aplicava sobre a economia nacional. Mas essa caricatura nacionalista populista não fez dele um santo, tampouco apagou seu passado obscuro, como descrito por Ariosvaldo Figueiredo, enquadrando o desenvolvimentismo da década de 50: “Contra a reforma agrária, adversários do mercado interno, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira são os maiores inimigos do camponês, vítima do subdesenvolvimento, do desemprego e da fome”. (FIGUEIREDO, 2002. p. 244).

O meio: Neoliberalismo e o Imperialismo do capital financeiro

Torna-se necessária, portanto, em nosso país, com a maior urgência e determinação, uma grande campanha de esclarecimento e de mobilização popular para desmascarar os teóricos e os governos neoliberais que, em nome da “modernidade” estão tratando (com um formidável apoio do sistema imperial, das classes dominantes nativas e da mídia), de liquidar os limitados direitos sociais conquistados

³ [...] o poder político é a capacidade de uns se sobreporem aos outros, através do desempenho de cargos em sistemas hierarquizados de gestão burocrática (patriciado), ou mediante a apropriação de bens pelo exercício da exploração econômica (patronato). (RIBEIRO, Darcy. **O dilema da América Latina**, p. 12. Petrópolis, Editora Vozes, 1979)

nas últimas décadas e com o mínimo de soberania conseguida por nosso país desde a época da primeira independência, tudo em nome das novas divindades criadas pelo neocapitalismo: o Mercado e o Lucro.

(Paulo R. Schilling)

É o mesmo que entregar a guarda de um depósito de bananas aos cuidados de um bando de macacos, com a recomendação de que cada um não coma mais de uma banana por dia...

(Paulo R. Schilling)

Do golpe de 64 nasceu a mídia internacionalizada com a função de fazer a manutenção da ignorância política. A Rede Globo de Televisão, oriunda dos escritórios da norte-americana Time Life é o órgão de imprensa responsável pela afasia política que se estende pelo território brasileiro. A mais-valia ideológica como disse o filósofo venezuelano Ludovico Silva, é a superexploração do excedente psíquico do trabalhador. A rede globo romantiza a miséria do povo brasileiro. A telenovela que elegeu o presidente Collor em 89, segundo o sociólogo Gilberto Felisberto Vasconcellos, “Collor é coca-cola. A semiologia imperialista. O elemento visual preponderou em sua campanha.” A TV torna-se um elemento fundamental na política brasileira. Ela dá o comando, o povo executa quase sem perceber que o demônio da dependência se oculta agora no aparato televisivo. “Collor é a própria mídia, o meio como mensagem. Um produto que vinha sendo fabricado pelos meios de comunicação de massa.” “O audiovisual é a nova droga” disse Glauber Rocha. (VASCONCELLOS, 1992. p. 27).

O fantasma do imperialismo se oculta nas formas sutis de dominação. Com a ditadura em curso pairou um silêncio absurdo na resistência revolucionária, intimidada pelas baionetas e pelos torturadores da ditadura. Tudo financiado pelo capital estrangeiro. O presidente norte-americano John Kennedy sabia da ameaça que seria um país de tamanha influência como o Brasil convertido numa potência nacionalista. Darcy Ribeiro, Leonel Brizola e inúmeros outros intelectuais e políticos brasileiros foram exilados, condenados a vagar pelo mundo. Junto com eles exilaram a esperança de um futuro soberano para a nação brasileira. Nada de investimento nas empresas estatais. O FMI cobrava o dízimo da dívida externa. Aliás, que dívida externa é essa? Lucram milhões a expensas da força de trabalho do trabalhador brasileiro e nós é que devemos. Voltamos mais uma vez às contradições.

O Brasil é campeão em concentração fundiária, em exportação, e em desigualdade social. Mas preferimos mesmo é festejar a Copa do mundo. No campeonato do Banco Mundial a bola da vez é a cabeça do povo brasileiro. Com o advento do neoliberalismo durante os governos de Collor, Itamar e FHC alcançamos a incrível taxa de 7.200% de inflação. “Em 1960, com 27,12% do salário mínimo comprava-se uma cesta básica. Em março de 1994, eram necessários 1,5 salário mínimo para comprar a mesma quantidade de produtos (SCHILLING, p.64. 1994). A dívida interna corrói por dentro, enquanto a dívida externa congela por fora.

A terrível experiência da ditadura chilena que num golpe de Estado assassina violentamente o presidente Salvador Allende, logo ele, quem tentou pela via pacífica o socialismo revolucionário, é o primeiro exemplo e a experiência prática inaugural do neoliberalismo nos países periféricos. O neoliberalismo se insere em um país como a luz no fim do túnel, para isso utiliza-se de duas táticas: A ditadura, com sua violência e restrições, e a superinflação, um trauma equivalente ao primeiro, que leva a economia interna ao caos. (ANDERSON, 1995. p. 19) Então ele se apresenta como a salvadora da pátria. Os investimentos do FMI nunca param, capitais especulativos transitam pela economia nacional (“capital andorinha”, que permaneciam 5 meses no país). (SCHILLING, 1994. p. 65). A ditadura de 64, pós desenvolvimentismo estreita os laços do capital externo com o Brasil, um terreno fértil para superexploração dos recursos econômicos e da mão de obra barata. O objetivo da elite brasileira é perpetuar o esquema global de espoliação.

A balcanização da América Latina é um componente estratégico, favorável à expansão do capital estrangeiro sobre o território sul-americano. Assim como o contrário, a unificação é um perigo eminente para o sistema capitalista mundial. Aqui se concentra o maior número de riquezas naturais, independentes do trabalho humano. O capital financeiro porta-se como uma armadilha neste caso, pois ele não gera valor, apenas lucro. A posição do Brasil favorável ao sistema mundial de subtração de riquezas colocou-o como a “potência” econômica da macro-região sul americana colocou sua lumpenburocracia (patronato) e os milicos entreguistas (patriciado) a disposição dos esquemas dos países capitalistas centrais. Porém, em sua posição periférica não havia muito o que fazer a não ser resignar-se e aceitar o papel de “intermediário entre o Terceiro Mundo e o “Clube dos Ricos””. Para tanto, o golpe militar brasileiro foi estratégico, Paulo Schilling é pontual em descrever o regime militar como “um instrumento do imperialismo”:

A preferência do sistema capitalista mundial – governos dos países centrais, bancos oficiais e privados internacionais e empresas transnacionais – pelo Brasil se traduz um total respaldo financeiro que lhe permite ampliar, cada vez mais rapidamente, a brecha que o separa dos demais países da América Latina e, conseqüentemente, impor sua hegemonia sobre todo o continente. (SCHILLING, 1981, p. 213)

O Fim: ?

Quando milhões de famílias vivem condições de existência tais que sua maneira de viver, seus interesses e sua cultura as contrastam com outra classe em face da qual se situam numa atitude hostil, elas constituem uma classe.

Uma classe oprimida é a condição vital de toda sociedade fundada sobre a oposição de classes. A libertação desta classe oprimida supõe necessariamente a criação de uma nova sociedade.

(Karl Marx)

A descolonização que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Mas ela não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um entendimento amigável. A descolonização, como sabemos, é um processo histórico: isto é, ela só pode ser compreendida, só tem a sua inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na exata medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.

(Frantz Fanon)

Este é o nosso maior problema nacional: integrar à sociedade as camadas marginalizadas da população, que aspiram mas não alcançam, como Darcy Ribeiro mostrou em **América Latina Pátria Grande** (1988), um emprego fixo, ainda que submetido a um regime de superexploração. Nas grandes cidades de crescimento caótico e desordenado, anteviu “uma futura guerra das Forças Armadas contra delinquentes juvenis”. Ágrafa e sem escola, essa população é bombardeada por uma nefasta influência do rádio e da televisão, os quais apelam a um “consumo que não está ao seu alcance e a um erotismo que só pode exercer pela violência”. Diante do inchaço de pobres e miseráveis nas cidades, com pânico da revolta e da insurgência, as classes dominantes quando não exibem a mirada frívola e estatística da pobreza, acompanhada da mescla de má consciência com caridade, preconizam o genocídio e a progressiva penalização carcerária da massa sobrando, a qual é vista como um rejeito enfermo que deve ser progressivamente exterminado.

Com recursos naturais como a floresta Amazônica e o aquífero Guaraní transitando como possíveis aquisições das corporações multinacionais estão em trâmite um desfalque imensurável para a economia brasileira. Além do fato de estarmos sendo esmagados por um Estado proto-fascista que preconiza uma catástrofe social nunca antes vista. Pleno século XXI, e os moldes de subjugação e

esfacelamento da nação permanecem os mesmos. Mais um golpe anti-democrático para o histórico. Uma nuvem escura paira sobre as nossas cabeças, tempos terríveis virão. A massa sobrando respinga o sangue de uma cicatriz mal curada. Vivemos entre o ódio dos miseráveis e o delírio dos governantes. A academia permanece apática. E a população inserida na esfera do consumo, até então amansada pelo poder crédito, vê seu sonho de ascensão socioeconômica indo pelo ralo. O que podemos esperar dessa situação?

Enquanto a economia estatal é congelada, os bancos chegam a taxas de lucro como nunca vistas antes. A dívida interna aumenta, o patronato que cedeu títulos ao governo se regozija com um futuro brilhante de exploração sem fim dos recursos naturais. A CLT, que garante os direitos do trabalhador, sendo rasgada e usada como confete na festa da hipocrisia. Todos os direitos que demoraram décadas para serem atingidos, direitos mínimos que nem sequer deveria ser cogitada a possibilidade de sua inexistência, como direitos indígenas, direitos trabalhistas, subsídios aos miseráveis e que só é necessária sua afirmação, justamente pelo fato de que em uma sociedade capitalista ancorada na livre exploração econômica dos recursos e trabalho humano não há limites nem moral. Somos governados por sociopatas, e isso é um grande perigo.

O que fazer? Esta é a grande questão. Como vaticinou Frantz Fanon, o processo de descolonização só se dá por meio da violência. Esta é inevitável em tempos de conflitos sociais. Ou violentamos ou seremos violentados. Há revoluções acontecendo no mundo, o tempo dos Estados nacionais está chegando ao fim. Suas contradições intrínsecas tornaram-se insustentáveis. A revolução em Rojava está acontecendo, o exemplo está dado, é possível suprimir até o mais tirano dos Estados, como o Estado Islâmico. É tempo de suprimir a ordem imposta, e reconstruir a partir do caos o novo. Um futuro promissor, talvez, desde que esteja ancorado no auxílio e no respeito mútuo, coisas que até então faltaram por parte da ampla maioria dos governantes que se propuseram a dirigir o destino dos povos, sobretudo dos países periféricos. Apenas através do esforço coletivo, independente do Estado, é conseguiremos atingir a autonomia. A lei não existe para garantir os direitos e sim para asseverar as desigualdades. O último que tentou agir pela legalidade, Leonel Brizola, morreu tentando.

Considerações Finais

Neste artigo, propus fazer uma breve análise sobre o contexto histórico que perpassou o Brasil desde a formação da primeira República. Através dos dados históricos compreender os processos políticos, econômicos e sociais buscando identificar nesses conceitos os seus nexos interpretativos quanto à formação socioeconômica da sociedade brasileira e seus impactos na atualidade. Focando nos aspectos sociais, e de que maneira a incorporação histórica do Brasil enquanto um país emergente e colonizado foi um fator que dificultou o desenvolvimento pleno e a consolidação de uma sociedade igualitária e tecnologicamente auto-suficiente. O subdesenvolvimento é mais que uma categoria econômica que indica atraso accidental. Nele se oculta a espoliação internacional efetuada principalmente pelo imperialismo capitalista nos países periféricos.

Ao realizar este estudo, senti-me iracundo por todos aqueles que nasceram e morreram na miséria, enquanto tantos outros nasceram e viveram no conforto sem nada fazer pelos miseráveis. Acredito ter alcançado um resultado minimamente satisfatório. Apesar de encontrar várias lacunas em minha tese. De qualquer forma, o estudo continuará sendo feito, e não o farei por mim, mas sim por todos que vivem e que viverão em condição de um povo colonizado. Não aceito qualquer tipo de subjugação.

Referências Bibliográficas:

In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas**. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.2 [cited 2017-01-25], pp.7-38. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200001&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000200001>.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas Vol. 1: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1985.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Violência e Corrupção: De Getúlio Vargas à Nova República**. Aracaju: Copyright 2002, By Ariosvaldo Figueiredo, 2002.

FRANK, André Gunder. **Lumpenburoguesia: Lumpendesarrollo**. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental Srl, 1970.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a Civilização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

RIBEIRO, Darcy. **Dilemas da América Latina: Estruturas de poder e força insurgente**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

SCHILLING, Paulo R. **O expansionismo brasileiro: A geopolítica do general Golbery e a diplomacia do Itamarati**

SCHILLING, Paulo R. **O fim da história ou o colapso da modernização? O fracasso do neoliberalismo na América Latina**. São Paulo CEDI/Koiama, 1994.

VASCONCELLOS, Gilberto F. **Collor cocaína dos pobres**. Petrópolis, Leia Mais. 1992